

**SRA. LUIZA MESQUITA:** Olá. Boa tarde a todos e todas que nos acompanham hoje. Desculpa, estou com problema no áudio aqui. Vamos lá então, de novo, gente. Desculpa. Boa tarde a todos e todas que nos acompanham. Nós estamos abrindo agora o último debate do Seminário Internacional de Governança da Internet, abordando um tema extremamente atual e não à toa. Porque a gente pensou e construiu esse ciclo de debates justamente se apoiando nessa linha cronológica com relação, tantos a avanços da Internet desde sua criação como da sua governança. Que conseqüentemente também foi se transformando e precisa ser, na verdade, né? Para que consiga responder a uma realidade que não é estática. Afinal, as tecnologias digitais que hoje fazem parte da vida em sociedade, elas estão em contínuo processo de inovação, né?

Então a ideia desse seminário, ela estava baseada nisso: construir uma lógica temporal que resgatasse o início dessa história sobre a governança da Internet, como ela foi idealizada, seu processo de institucionalização, os desafios que foram encontrados e ainda hoje se fazem presentes com relação ao funcionamento técnico da infraestrutura, até se chegar a um cenário mais atual de desenvolvimento e uso da tecnologia e que apresenta novos desafios e também mais atuais, né? Foram ao todo sete encontros, realizados todos on-line, ao vivo, com especialistas de altíssimo nível nesse campo da governança da Internet, de diferentes países e regiões. E que eu acho que vale dizer aqui, nos surpreenderam com suas respostas superatenciosas e vindas também com reconhecimento sobre a importância dessa proposta que foi colocada, de discutir de forma propositiva a construção e o papel desse regime de governança nos dias atuais. Foi um trabalho que levou mais ou menos uns sete meses de dedicação até sair do papel, porque ele não termina aqui também. Como mais uma iniciativa da Escola de Governança da Internet, a intenção é que esse seminário possa ser o início de um projeto maior, sempre para ampliar e aprofundar o debate sobre a governança da Internet como pilares da EGI no seu compromisso com a capacitação de atores do ecossistema. Mas principalmente que esses debates possam vir a contribuir com a construção de novos caminhos capazes de responder aos tantos desafios que o avanço da Internet e as suas aplicações a partir da Web nos trazem. E muitos deles já brilhantemente colocados nos debates anteriores desse seminário.

Eu acho que nós estamos vivendo época que não é fácil, é uma fase de grandes transformações, talvez sentidas num primeiro momento mais no nível social e político principalmente e que já vinham impactando a organização da vida em sociedade mesmo antes da gente enfrentar uma pandemia global, né? É uma fase que também, em função dessas mudanças, vem acompanhada por conflitos, incertezas

e às vezes até sensação de um caos social, né? De um modo ou de outro, a Internet como ferramenta cada vez mais central na vida em sociedade, ela está ligada a essas mudanças. Quando ela não é o próprio vetor, tanto da mudança como do caos, né? A pandemia, ela veio, acho, que de certo modo acelerando todo esse processo. Primeiro ela nos tornou mais dependentes da Internet, com a necessidade de isolamento e distanciamento social. As nossas atividades diárias e a nossa interação com o outro, elas passaram a ser feitas necessariamente com mediação de algum tipo de plataforma digital. Depois eu acho que ela amplia um pouco a noção de uma sociedade interconectada e nos aproxima da ideia de que não somos ilhas isoladas. A gente vive em um mundo global e a gente faz parte de natureza, onde cada organismo se conecta de forma que ação de um só já reflete no todo. Um evento que começou do outro lado do mundo está impactando a nossa vida de maneira irreversível. E, sem dúvida, a pandemia também aprofundou conflitos, incertezas e o caos, mesmo que em alguns lugares mais que em outros, mas ainda assim afetando toda natureza humana.

Tem um trecho de um poema do John Donne que abre o livro *Por Quem os Sinos Dobram*, do Hemingway, que, aliás, narra a destruição humana em uma guerra, bem metafórico nos dias de hoje, enfim. O trecho diz: *"Nenhum homem é uma ilha isolada, cada homem é partícula do continente, parte do todo. Se um torrão é arrastado para o mar, a Europa fica diminuída, como se fosse um promontório, como se fosse o casa do teu amigo ou a tua própria"*. Fazendo uma analogia com a Internet, que também está inserida nessa natureza e também a ela afeta, nesse momento é ainda mais importante a gente voltar nossas atenções sobre como essa ferramenta tem sido utilizada, os seus efeitos positivos ou danosos sobre a vida em sociedade. Porque diferente de uma pandemia, que, apesar de tudo, é um evento natural e foge um pouco das nossas capacidades de evitar que esse evento aconteça, a Internet é uma criação humana. E por isso a gente tem a capacidade e o dever de acompanhar, de acompanhar, de guiar e até controlar essa criação para que ela possa trazer impactos mais positivos para a vida das pessoas e para a vida em uma sociedade que será cada vez mais interconectada.

Acabando aqui a divagação, peço perdão, mas isso tudo só para dizer que o esforço na concepção desses encontros foi grande e não se encerra com esse debate de hoje. E para agradecer a todas as pessoas que participaram e apoiaram o processo de elaboração dessa iniciativa e a realização desse seminário. No YouTube vocês estão vendo só a cara de algumas pessoas, mas tem agora, por exemplo, pelo menos, pelo menos dez pessoas numa sala de Zoom que estão possibilitando que isso tudo aconteça. Então eu agradeço a todas essas pessoas, em

nome da equipe do EGI e do Prof. Glaser, que a partir da sua ativa e dedicada coordenação acompanha e acredita na importância das iniciativas de disseminação do conhecimento.

E para falar sobre o debate de hoje, que vai abordar a forma como novas empresas de tecnologia se apropriam e se organizam em torno da infraestrutura da rede e como isso vem impactando a sociedade, nós recebemos a Selena Nemorin, o Ulises Mejias e a Fernanda Bruno, que vai moderar essa conversa. Agradecemos imensamente a vocês também por terem aceitado nosso convite, o desafio de discutir esse tema no âmbito da governança da Internet e pela dedicação que tiveram na preparação dessa Mesa.

E antes de apresentar a Fernanda, eu queria só deixar aqui o final do poema do John Donne que diz: "*A morte de qualquer homem me diminui, porque sou parte do gênero humano. E por isso não pergunte por quem os sinos doam, eles doam por ti*". E um pedido para que fiquem em casa sempre que possível. Está difícil para todo mundo, mas vai passar. E quanto mais a gente pensar e agir de forma coletiva, empática e responsável, mais rápido vai passar.

Então, a Fernanda, ela é professora do programa de pós-graduação em comunicação e cultura, do Instituto de Psicologia da UFRJ. Ela é coordenadora do MediaLab da UFRJ, pesquisadora do CNPq e membro-fundadora da Rede Latino-americana de Estudos em Vigilância, Tecnologia e Sociedade, a Lavits. Ela foi pesquisadora visitante na Sciences Po de Paris e no Departamento de Humanidades Digitais do King's College em Londres. Atualmente é pesquisadora colaboradora do Surveillance Studies Centre da Queen's University, Canadá. E entre os seus livros recentes estão: Máquinas de Ver, Modos de Ser: Vigilância, Tecnologia e Subjetividade, da editora Sulina, e Tecnopólicas da Vigilância: Perspectivas da Margem, da editora Boitempo. Ela é coeditora da revista DR. Fernanda, muito obrigada por estar aqui conosco hoje, e a gente te deseja um ótimo debate.

**SRA. FERNANDA BRUNO:** Obrigada, Luiza, por essa apresentação inspiradora. Dou boa tarde a todos e todas que estão nos assistindo. É um prazer enorme estar mediando essa Mesa do Seminário Internacional de Governança da Internet. Eu quero agradecer inicialmente, claro, ao convite, agradecer a Escola de Governança da Internet pelo convite, louvar a iniciativa. Tenho acompanhado os debates, as Mesas, que têm sido incríveis. Parabenizar toda a equipe de organização do evento. E agradecer e parabenizar também todo o pessoal aqui que está no apoio para que esse evento aconteça. Quero, claro, depois desses agradecimentos iniciais, dizer da minha alegria e da minha honra de estar mediando essa Mesa que conta com pessoas que eu admiro muito, cujo trabalho eu já conheço e venho acompanhando há algum tempo. Então

agradecer a presença da Profa. Selena Nemorin e do Prof. Ulises Mejias. É uma alegria, realmente, uma honra ter essa oportunidade de escutar vocês e de dialogar com vocês.

A Selena Nemorin é professora do Departamento de Cultura, Comunicação e Mídia da University College London, já tendo atuado também na London School of Economics e na [ininteligível] na Austrália. A Selena tem pesquisas interessantíssimas na intercessão de temas como educação, tecnologia e equidade. Vem trabalhando com questões de gênero, raça e direitos humanos, políticas do afeto na economia digital e economia política da inteligência artificial. Ela é autora dos livros *Biovigilância no Marketing de Novas Mídias: Mundo, Discurso e Representação*, publicado em 2018. E é autora também de um livro mais recente... Desculpa. De um livro mais antigo que se chama *Escolaridade Cotidiana na Era Digital*.

O Ulises Mejias é professor associado de Estudos de Comunicação e diretor do Instituto Para o Engajamento Global da Universidade do Estado de Nova York. É também pesquisador do Projeto Observatório de Algoritmos. Seu trabalho de pesquisa tem se voltado para estudos críticos de Internet, teoria e ciência de rede, filosofia e sociologia de tecnologia, economia política das mídias digitais. O Ulises é autor de um livro que eu não vou ousar aqui traduzir, vou falar o título em inglês, *Off the Network: Disrupting the Digital World*, que foi publicado em 2013. E mais recentemente, em coautoria com o Nick Couldry, o Ulises publicou o instigante livro *Os Custos da Conexão: Como Dados Estão Colonizando a Vida Humana e se Apropriando Dela Para o Capitalismo*.

A Mesa de hoje, como a Luiza já antecipou, ela é a última Mesa de uma série de conversas, debates e apresentações que se iniciou em março e ela integra o terceiro eixo temático do evento, que é um eixo sobre plataforma, poder e vigilância, né? O tema mais específico da mesa a Luiza já antecipou. É um tema que se volta para os modelos de negócios da Internet, as distopias da inovação. Os palestrantes convidados aqui, eles foram convidados a reagir a questão sobre as plataformas e os seus modelos de negócios, tentando pensar um pouco de que maneira a gente pode lidar com o poder dos nossos novos serviços de Internet, de modo a evitar monopólios e qual seria a consequência disso para a governança da Internet. Nos vários debates e textos atuais hoje sobre as plataformas digitais tem sido muito recorrente a imagem ou metáfora do ecossistema, né? É uma imagem que eu também utilizo e eu... porque eu acho que é oportuna para sinalizar não só a escala do problema, quando a gente está falando de plataformas digitais e quando está falando de toda cultura digital, na verdade, mas também ela nos ajuda a sinalizar a necessidade da gente se reposicionar em termos cognitivos, sensoriais, sociais, práticos,

tecnopolíticos nesse contexto, se a gente quiser construir coletivamente perspectivas e políticas voltadas seja para o bem comum, seja para uma forma de habitar esse ecossistema que leve em conta a complexidade e a interdependência de muitos elementos e muitas camadas que estão em jogo nesse ecossistema digital, né? as Mesas que aconteceram antes dessa, ao longo do evento, abordaram diversos aspectos dessas muitas camadas que constituem esse ecossistema. Falou-se da camada infraestrutural, falou-se aqui dos protocolos e das implicações tecnopolíticas, falou-se aqui de governança. E esse terceiro eixo focaliza mais a questão das plataformas, das plataformas propriamente ditas, envolvendo aí navegadores, mídias sociais, motores de busca, serviços de busca, serviços de marketing, lojas de aplicativo etc., todo esse mundo com o qual nós estamos completamente familiarizados. E, claro, toda a dinâmica de produção e circulação e tratamento de dados e de conteúdos que envolvem as pessoas, os algoritmos, as interfaces, as aprendizagens de máquina e uma série de outros processos. Sabemos também, e isso já foi mencionado várias vezes aqui em diversos painéis, que embora a gente esteja sempre falando de Internet, sempre que a gente está falando de plataforma, embora esteja sempre falando de processos globais, esses processos não são homogêneos e nem são uniformes. Eles envolvem assimetrias, desigualdades e diferenças que precisam ser consideradas na nossa reflexão e ação. No caso das plataformas e seus modelos de negócios, que são o tema desse painel, a gente sabe da enorme concentração de poder em um número pequeníssimo de corporações que dominam não apenas os modelos de negócios e os espaços com interação na Web mas interferem expressivamente nas dinâmicas sociais, perceptivas, atencionais, subjetivas, políticas, afetivas e econômicas da Web e da vida em geral. Uma vez que essas arquiteturas algorítmicas que estão presentes e atuantes nessas plataformas, elas cumprem uma agenda própria e muito restrita de influência de comportamentos voltada para produção de engajamento em seus próprios serviços, suas próprias aplicações e seus próprios ambientes, num ciclo que se retroalimenta e que vem empobrecendo dinâmicas mais efetivamente coletivas e voltadas para o comum. Mais uma vez, esse fenômeno, que a gente sabe que é global, envolve concentração de poder e envolve impactos locais totalmente assimétricos. Por isso, na verdade, nós que estamos situados em lugares, como Brasil, ou em regiões da América Latina, ou mais amplamente no chamado Sul Global, precisamos urgentemente fortalecer o debate e a agenda decolonial de reflexões e de ações que possam, inclusive, inspirar modelos de governança. Nós estamos vivendo no Brasil, como a Luiza lembrou, um momento especialmente distópico. Não apenas por conta da condução notoriamente desastrosa da pandemia de Covid-19 por parte do governo federal mas também

por conta da postura extremamente colonial com que o governo vem tratando bases de dados importantes e estratégicas em setores, como educação, trabalho, meio ambiente, entre outros. Fazendo parcerias com empresas, como Microsoft, Google, por exemplo, de uma forma extremamente negligente, para usar aqui um termo que a pesquisadora Beatriz [ininteligível] propôs em relação ao Estado argentino e acho que também se aplica ao Brasil. Essas parcerias feitas de forma muito negligente, para dar um exemplo a vocês, um exemplo que venho acompanhando mais de perto, no âmbito da MediaLab da UFRJ e da Rede Lavits. O governo federal anunciou em outubro do ano passado uma parceria com a Microsoft que se chama Mais Brasil. Essa parceria, ela envolve o uso de ferramentas de inteligência artificial fornecidas pela Microsoft para setores de emprego e sustentabilidade. Para o setor de emprego, que foi o que eu acompanhei e estou acompanhando, essa parceria envolve a implementação de inteligência artificial para intermediação de mão de obra num portal, que é um portal de vagas de pessoas que estão procurando emprego, que se chama Sistema Nacional de Emprego. E, além disso, essa... A Microsoft está oferecendo qualificação de trabalhadores através de uma escola do trabalhador, numa plataforma de ensino remoto, utilizando ferramentas obviamente da própria Microsoft. Esse conjunto de dados que hoje constitui, por exemplo, o Sistema Nacional de Emprego, que é um dos maiores sistemas de intermediação de mão de obra do mundo, é uma fonte claramente privilegiada de informação sobre o mercado de trabalho gigantesco, como é o do Brasil. E permite não só um diagnóstico sobre o mercado de trabalho formal, um diagnóstico conjuntural, atual, como permite também análises de mais longo prazo, projetando tendências sobre as transformações estruturais no setor ocupacional no Brasil e também permitindo, claro, a influência de políticas públicas, o desenho de oportunidades futuras de negócios em várias frentes. Então isso é um exemplo, para vocês terem a dimensão desse tipo de parceria extremamente marcada por uma postura colonial. E esse projeto envolve também o uso de inteligência artificial para prevenção de queimadas e desmatamento na Floresta Amazônica, assim como envolve a expansão da infraestrutura de nuvem da Microsoft no Brasil e a construção de uma nova região de datacenter no Rio de Janeiro. Então, esse é um dentre inúmeros exemplos de transferência de dados estratégicos do setor público para empresas de hospedagem e processamento de dados de grandes plataformas. Ao mesmo tempo que a gente tem esse cenário bastante preocupante, a gente tem no Brasil, e isso se estende também a outras regiões do chamado Sul Global, uma história fortíssima de movimentos de autonomia tecnológica envolvendo a sociedade civil, e em alguns momentos da nossa história também o Estado, como movimento de software livre, movimento por espectro livre, de construção de redes

comunitárias, e uma história de pioneirismo e inovação na construção de modelos multissetoriais de governança da Internet, no qual o CGI, Comitê Gestor da Internet no Brasil, e o processo de construção do Marco Civil da Internet, são referências excelentes. Então esse painel, ele visa contribuir para continuidade e renovação dessa história, né? Dessa história de conquista de autonomia, de conquista de autonomia tecnológica, de conquista de espaços coletivos de construção de infraestruturas sócio-técnicas e tecnopolíticas. Somando a essa história perspectivas intersetoriais e decoloniais, convidando a Selena Nemorin, que tem um trabalho incrível sobre inteligência artificial, tecnologias digitais, equidade de gênero, raça e educação, e o Ulises Mejias, que também tem uma reflexão e uma atuação extremamente inspiradora no campo do que ele propõe chamar junto com o Nick Couldry de colonialismo de dados.

Então eu tenho certeza que essa Mesa vai contribuir muito para essa construção coletiva. Agradeço desde já a Selena e ao Ulises por estarem conosco. Eu vou passar primeiramente a palavra para a Profa. Selena Nemorin, e, em seguida, a gente vai escutar o Prof. Ulises e depois a sessões de debates. Eu vou saudar o público que está acompanhando a Mesa e dizer a vocês que vocês podem, a qualquer momento, ir escrevendo questões no chat que eu me encarrego [interrupção no áudio].

**SRA. SELENA NEMORIN:** Muito obrigada. Estou muito grata de estar aqui. É uma ótima iniciativa. Tenho felicidade em participar. Eu tenho alguns slides que eu achei que poderia me ajudar realmente a me guiar durante a minha palestra. Então, eu acho que eu vou compartilhar a minha tela, se vocês não se importarem. Acho que funciona. Estão vendo minha tela?

Então, eu sou a Selena, eu agradeço a Fernanda pela apresentação, é uma grande honra estar aqui. Eu gostaria de iniciar contando um pouco a meu respeito e aquilo com que estou envolvida no momento e sobre o que eu gostaria de falar e o meu foco. Meu foco é educação, já que eu venho estudando os avanços tecnológicos já há alguns anos e estou preocupada com relação ao poder de mídias sociais e grandes plataformas como Amazon(F) e o alcance dessas à educação. E essas são causas de pensamento com relação à integridade dos alunos nas escolas e os direitos de privacidade e todos os tipos de direitos, direitos das pessoas que não necessariamente estão sendo levados em conta por essas grandes empresas. Então há dois livros que eu participei, um deles é: *Everyday Schooling in the Digital Age*. Então é um livro que avaliou na Austrália o tipo de tecnologia nas escolas, ou algumas vezes o não uso das tecnologias nessas escolas. Se isso seria útil para as crianças no aprendizado, para os professores e quais são as implicações, implicações sociais,

implicações que podem levar às dificuldades. E depois disso foi feito na Universidade de Victória na Austrália com crianças, com alunos na idade de Ensino Médio. Depois uma dissertação que fiz na área de marketing da nova mídia. Eu escrevi sobre a biovigilância, especialmente com relação dessa neurotecnologia e da tecnologia da biometria, que busca e tira mais informação a respeito dos consumidores, e essas informações, depois, são utilizadas para desenvolvimento de publicidades. Então é, na verdade, um loop, um ciclo. Eles pegam dados contínuos, eles vão alimentando esses dados, que são dados pessoais, dados superpessoais, incluindo a maneira como a pessoa pensa, se sente, e daí criam propagandas, publicidades com base em tudo isso. Esses livros eu estou envolvida na... eu sou a investigadora principal desse projeto, que é um outro projeto que eu recebi uma bolsa para trabalhar como desenvolvedora desse projeto e também o Chai, que é um outro projeto com relação à inteligência artificial, saúde social e a Internet das Coisas.

Esse projeto Fair-AI é um projeto que quer examinar a tecnologia, o desenvolvimento da política da tecnologia na educação. Quais são as iniciativas e o impacto dessa parceria entre o setor público e privado no setor da educação, como, por exemplo, Amazon, Microsoft, Twitter, Banco Mundial, universidades e ONGs. Eu penso de maneira crítica a respeito das implicações que esses sistemas de IA ou de tecnologia podem ter no momento do ensino e da aprendizagem e o conteúdo ético de tudo isso. Eu estou baseada em Londres, então estou de olho naquilo que está acontecendo na educação aqui em Londres, mas o meu maior interesse está na África do Sul e em Gana. Eu estou interessada nos benefícios essenciais, danos, prejuízos e riscos associados a esse papel de liderança que as grandes corporações desempenham nesse setor.

E uma das primeiras coisas que eu fiz durante meu estudo de projeto que iniciou-se em setembro do ano passado, devido a pandemia, tivemos alguns atrasos e o trabalho foi bem difícil para mim, porque não posso sair do Reino Unido e ir para Gana. Mas, por sorte, eu tenho realmente um pessoal de pós-doc(F) que realmente está fazendo um ótimo trabalho para mim, e juntos começamos uma análise de discussão. Porque eu acredito que realmente essa é uma forma de estruturar muito bem a forma como pensamos e estabelecemos nossos valores. Então começamos por examinar alguns documentos que estavam publicamente disponíveis na Internet, documentos sobre IA na educação e IA na sociedade de maneira mais abrangente também, e como a inteligência artificial estava sendo vista. Então um amigo meu da UCL e outro também da West England, que é cientista da computação, ele me ajudou a desenhar algumas ferramentas de reconhecimento de identidade para assim conseguir entender um



pouco mais as relações políticas econômicas através dos diferentes indivíduos e grupos que nós notávamos que apareciam ali nos documentos com relação à educação da inteligência artificial.

E três coisas eu me deparei com relação à representação do que eu percebi ser recorrente naquela leitura do documento. Eu li 250 páginas, e é algo contínuo, que continua a crescer. Então o primeiro deles foi a dominância geopolítica através da educação e da inovação tecnológica. Isso nos leva ao que chamamos de colonialismo de dados. Depois, o segundo é a criação e a expansão de nichos de mercado. Isso está relacionado a racionalidade da extração. E o que eu gostaria de enfatizar aqui é que na biovigilância, que é o livro que eu escrevi, *Biosurveillance*, tem a ver como os nichos de mercado ou de consumo são criados através da individualização, através das propagandas, das publicidades que são... que se encaixam nas crenças existentes de alguém, de um grupo. [ininteligível] tem essa ideia de preencher uma bolha.

Então, por exemplo, Amazon sabe exatamente o que você gosta. Então ele fica te mandando propaganda exatamente daquilo que você gosta. Então você não tem nenhuma possibilidade de explorar nada muito radicalmente diferente daquilo que você acaba recebendo. Então se trazer tudo isso para o contexto da educação, a mesma coisa acontece com os alunos, com relação a personalização. Ter uma máquina que é impulsionada pela IA, que sabe o que o aluno gosta, o que o aluno estuda, o que o aluno quer fazer na sua vida daqui para frente em termos de currículo, eles sabem o que aquele aluno em particular quer em termos de nicho. Então eles vão criando esses nichos de mercado através de um ambiente comportamental que é moderado pela tecnologia, que, por si, acaba sendo uma fundação de instituição, seja ela na área de educação ou de vigilância.

Então dentro dessa extração da racionalidade, nós temos esses dados que chamamos de dados baratos. E o ponto mais preocupante para mim é a parte efetiva dos dados. Aquela partezinha sobre como nós nos sentimos, nossas emoções, como respondemos às diferentes disparadores que sentimos aí dentro desse meio, é isso que realmente está... é o mais importante. O que eu digo sobre a vigilância é a criação de necessidades que não estão lá e mostram formas como nos comportamos. E esse é o poder dessa tecnologia. Acabam nos colocando dentro desses nichos. E isso foi visto durante as eleições americanas. Um sistema conseguir gerenciar e pegar uma grande parte da população americana e fez com que essa parte acreditasse que era uma fraude aquela eleição. E a outra parte dos americanos achavam outra coisa. Então as empresas de mídia social, em última análise, têm a força, o poder de mudar a forma como as pessoas pensam, através dessa forma de minar, minar emoções através do data mining. E como

vocês sabem, as tecnologia, para serem bem-sucedidas, elas precisam ter a confiança por parte das pessoas, precisam ser confiáveis. Então existe um movimento por parte dos governos e das indústrias para aumentar a confiança do público nesses sistemas IOSs. Então esses são os primeiros achados que tive no momento em que eu comecei a estudar educação tecnológica e essas plataformas. E eu percebi que eles têm impacto no ambiente nacional e também que há uma intersecção entre todos os pontos.

Alguns pontos-chaves foram extraídos dessa minha pesquisa, que são prevalentes não só na educação mas também em outros domínios. E o primeiro deles, na falta de um consenso, isso relaciona a política e na educação de inteligência artificial. A falta de consenso sobre o que a inteligência artificial é, sendo assim é difícil desenvolver uma regulação para alguém que... para algo que as pessoas não conseguem definir. Então como regular algo? E eu já disse em várias áreas que a chave é buscar algoritmos. O primeiro que... o primeiro ponto inativo na escola e nos sistemas, isso vai acabar abrindo como se fosse realmente aquela caixa preta. Outro problema é a liberdade cognitiva. Eu escrevo isso em um dos meus livros, com relação à necessidade de ter a liberdade intelectual para poder tomar sua própria decisão, sem ser afetado pelo Facebook para acreditar nisso ou naquilo. Podemos ser capazes de tomar nossa própria decisão, sermos autônomos, ter liberdade cognitiva necessária para viver e existir na sociedade democrática e participar de maneira autônoma, da forma mais autônoma possível. Há, então, muito comportamento econômico em jogo, quando falamos sobre a inteligência artificial na educação. Então essa nutrição comportamental é algo que tem ocorrido bastante na educação. E como eu já mencionei antes, o manifesto da confiança, como fazer isso? Há também toda a questão de acabar... acabando... A questão é acesso à Internet. Gana, que é o primeiro país que eu estou realmente preocupada com esse projeto, então os dispositivos digitais podem ser acessados por inteligência artificial na educação. Porque realmente são eles que têm o dinheiro e o poder de acessar essas coisas, enquanto as pessoas que não tiverem acesso a esses sistemas vão acabar ficando de fora, vão perder uma certa educação. Eu também percebo que essas políticas têm alguns mecanismos discriminatórios que não necessariamente apoiam a primazia do ser humano sobre a tecnologia. Então é uma forma de descolonizar essas políticas, uma vez que passamos a entender sistemas comportamentais que realmente tendem a ser assim tão gentis. Nós temos também uma certa exploração na extração de dados dos alunos. Mas não apenas extração de dados dos estudos de alunos mas sim da vida desses alunos. Isso tem a ver com colonialismo, é uma característica biológica que também nos foi tirada, que é essa exploração dos dados individuais. E, por fim, é o desejo de que os

dados sejam tudo. E quando tivermos tudo levado por dados, indústria, as corporações, todos alimentando, dados massivos passando de um para outro, que tipo de sociedade teremos quando todas essas empresas de mídia social e governos tiverem todas essas informações e puderem impor a determinados sistemas técnicos e nós em oposição a pessoas como eu, que digo: Não, talvez haja outra forma ou talvez outros sistemas ou talvez a inteligência artificial na educação não seja necessária. Talvez haja outros problemas que devemos prestar atenção antes.

E um dos meus focos é o gênero e o acesso ao poder, especialmente na Região Sul do mundo. Mas nós temos o acesso à Internet, que 19% das pessoas nos países menos desenvolvidos não têm acesso à Internet, enquanto que 15% das pessoas, das mulheres comparadas aos 28 dos homens nos países desenvolvidos usam a Internet. Isso quer dizer que é necessário ter políticas e regulamentos para discriminar, parar com essa discriminação das pessoas em relação à lucratividade, em relação à tecnologia.

Então: o que é poder? É uma pergunta que eu pergunto toda vez que li todos esses documentos durante a minha pesquisa. Como é um manifesto? Mais especificamente com relação aos governos, como que ele pode ser exercitado através da política?

E o foco na modulação e na vigilância do afeto nesses diferentes ambientes podem nos ajudar a entender onde está o poder e também através da compreensão desse mecanismo algoritmo talvez possamos entender como conseguir uma regulação de forma que proteja os nossos direitos como indivíduos.

Assim, eu gostaria de mostrar um exemplo mais prático sobre os pontos que acabei de levantar aqui com relação às plataformas na educação. Isso é algo bem recente que eu acabei de ler e é sobre a Amazon. Em dezembro de 2018, Jeff Bezos investiu em Mindstrong Health, que é um aplicativo móvel para checar o status cognitivo e mental para identificar depressão. Então em um ano anterior a esse o Jeff Bezos investiu muito, 190 milhões dos seus fundos pessoais em Everfi, que promove bem-estar digital, é uma plataforma que está querendo fornecer a professores e alunos cursos digitais sobre alfabetização financeira, saúde, bem-estar e outras coisas. Outros investidores, incluindo Eric Schmidt, que é o ex-chairman da Google e da Alphabet, Williams, que é o cofundador do Twitter. Bom, enfim, a tecnologia, ou seja, essas companhias, essas empresas de mídia social estão tentando entrar em todo e qualquer setor, desde da saúde a educação.

E eles estão acessando os dados de alunos e professores para assim poder melhorar a educação. E um dos objetivos é tornar a

educação justa, fazer, mudar educação. E com a Covid, eles perceberam que cada vez mais é necessário ter um bom sistema de educação remota, e a prova está agora aí. Se eu peguei... Aí eu peguei essa publicação aqui que fala sobre o Everfi ter acesso a outras plataformas, tais como Facebook e Twitter. Então não é apenas uma única plataforma sozinha fazendo isso. Não, nós sabemos que as plataformas estão dentro de um ecossistema já existente. Mas, por exemplo, na educação humana não é uma única plataforma que entra, é uma que entra conectada a uma série de outras plataformas que trazem conteúdo educacional. Por isso é importante entender quais são essas empresas, o que elas estão fazendo. E um ponto que eu quero realmente deixar muito claro aqui, é que muitos dizem que devido esse link de um ou a outra empresa, se você é encaminhado para outra empresa, não há mais responsabilidade. Aquela empresa original não tem mais responsabilidade. Quem é responsável por aquela privacidade se a conexão já é diferente, se você já chegou em outro ponto, ok?

Uma outra coisa que eu sempre me pergunto quando analiso tudo o que tem a ver com plataformas em educação é exatamente o tamanho. Quantos dados estão coletando hoje e o que querem fazer? Os algoritmos são treinados para entender as coisas, mas será que nós sabemos como eles funcionam? Nas escolas, durante o projeto etnográfico, muitos dos professores não tinham ideia como funcionavam os algoritmos, não sabiam como as políticas de privacidade se davam, não as entendiam. Nós entendemos como é feito acúmulo de dados? É muito importante fazer isso. E o que acontece com os dados. Quantos códigos normativos estão sendo desenvolvidos e a quem atende em termos de interesse? O que é justo no contexto da governança da Internet? Quem diz quem é justo ou injusto? Como que os governos podem facilitar a criação das políticas éticas para os objetivos de desenvolvimento? O aspecto ético é muito importante. Como eu notei durante esse meu projeto, há sempre essa ideia de discutir a ética da inteligência artificial. Mas se nós olharmos os indivíduos e os grupos que participam desta agenda, eles vêm principalmente dos Estados Unidos, do Canadá, da Austrália, do Reino Unido, da Europa, da China, mas não necessariamente de locais que já tiveram a experiência em espaços colonizados. Há uma falta de representação nesse sentido. Assim, há uma necessidade dessas regras básicas de valores e princípios sobre os quais podemos avaliar todos os aspectos éticos. Aceitando essa tecnologia é importante que possamos também proteger os direitos humanos. Há o interesse comum dos seres humanos, dos animais e do ambiente. É importante que haja inovação responsável, regulamentação e é importante ter políticas de decolonização e éticas como os fundamentos para criarmos um mundo mais conectivo.

Isso me traz ao final da minha apresentação. Há muito mais que eu gostaria de falar sobre todo este tema, mas eu simplesmente vou deixar agora para que o Ulises possa ir em frente e fazer os seus comentários. Muito obrigada.

**SRA. FERNANDA BRUNO:** Obrigada, Selena, por essa fala tão inspiradora. Realmente tem muitos pontos aí para discutir. Com certeza a gente vai retomá-los na hora do nosso debate. Passo a palavra, então, por favor, ao Ulises.

**SR. ULISES MEJIAS:** Muito obrigado. Eu vou compartilhar a minha tela também. Mas eu gostaria de começar mostrando a solidariedade aos meus amigos brasileiros. Eu sei que estão passando por um momento muito difícil em função da pandemia. Então saibam que estamos pensando em vocês. Muito obrigado a comissão organizadora por ter me convidado e muito obrigado por todos pelo trabalho tão duro. É difícil, né? Reunir um evento como esse. Muito obrigado a equipe de tradução também, trabalhando com afinco para que todos possam entender bem nos três idiomas. Eu agradeço a atenção de todos. Eu farei a minha apresentação em inglês porque esse é o idioma que mais uso hoje em dia. Com isso eu vou compartilhar agora a minha tela.

Eu vou falar sobre o colonialismo de dados. Pode parecer estranho reunir essas duas palavras, dados e colonialismo. O primeiro comentário que eu gostaria de fazer é que, de alguma forma, o colonialismo sempre dependeu dos dados. Historicamente e mesmo mais recentemente temos vários exemplos que ilustram isso muito claramente. Se pensarmos em mapas e pesquisas, por exemplo, necessários para os colonizadores, para que mostrassem territórios sendo adquiridos, ou as enquetes e pesquisas que eles reuniam para fazer a gestão desses territórios, tudo isso, evidentemente, exigia dados. Mesmo os passaportes, por exemplo, todos nós temos um hoje em dia, não é? Mas no contexto do colonialismo, os passaportes eram ferramentas específicas para controlar movimento das pessoas, e para ter um passaporte é importante ter dados desses colonizados. Se nós pensarmos nas planilhas de plantações utilizadas para fazer a gestão das plantações e das culturas na época do colonialismo, claro, antes da planilha de Microsoft, né? Mas aqui nós vemos um exemplo à esquerda de uma planilha utilizada para fazer a gestão dos escravos que trabalhavam nas plantações. Então o custo de cada um dos escravos e quanto custava para fazer a sua gestão. A plantação nos Estados Unidos.

Mesmo no contexto da pandemia global hoje, as carteiras de vacinação. Porque em pandemias anteriores eram ferramentas muito importantes nas colônias para fazer gestão dos movimentos das pessoas, principalmente aqueles que eram conhecidos como sendo os

poluidores, que precisavam ser separados do restante da sociedade para que não infectassem os demais, principalmente aqueles que vinham para colonização. Então carteiras de vacinação precisam de dados. Ou dentro de dados de censo e a forma como foram utilizados. Não só para coleta de informações sobre a sociedade em si mas, mais uma vez, em casos extremos, como o mapa que tenho aqui de Joanesburgo, de 1908, em 1908, melhor dizendo, quando houve a gripe espanhola e como foram utilizadas para criar aquelas colônias fora da cidade, para aonde eram enviadas as pessoas infectadas, em geral, os negros. E, finalmente, se nós pensarmos no aspecto forense, nos dados de polícia, a invenção, por exemplo, das digitais. É uma tecnologia que foi desenvolvida pelos britânicos na Índia e depois exportada para o mundo todo. E ela tem raízes coloniais claríssimas. E mesmo os guias de fenótipo, aqueles que vemos mais à direita na tela. Usado pelos soviéticos na Rússia para identificar os diferentes tipos de face. Então o protótipo de reconhecimento facial. Então isso era usado também para identificar judeus, ciganos, aqueles da região da Ásia central, mulçumanos etc.

Vejam que durante todos os anos de colonialismo a produção de dados tem sido sempre essencial para a prática e a gestão das colônias, para a prática do colonialismo em si. Se os dados sempre foram instrumento de colonialismo, nós poderíamos talvez perdoar os colonizados. Mas eu acho que a coisa é um pouquinho mais complicada. Por exemplo, quando eu penso no colonialismo de dados, eu penso no meu próprio papel. Não de um sujeito passivo, mas mais como de um informante nativo. E eu vou usar o exemplo da La Malinche, que é um exemplo muito comum no México, eu imagino que há figuras semelhantes no Brasil. Ela era uma mulher, ela chamava-se Malintzin, ela era escrava e foi dada a Hernán Cortés, o conquistador do México. Ela teve diferentes funções bastante importantes, era intérprete, era consultora e era uma intermediária, por assim dizer, entre esses dois mundos: o mundo europeu e o mundo nativo. E o papel, de forma nenhuma, era de uma pessoa colonizada subjetiva ou passiva. Pelo contrário, ela tinha um papel muito ativo. Em função deste papel, evidentemente, muitas vezes Malintzin é vista como uma traidora. E há outros elementos de misoginia aqui também, claro, pois, era uma mulher no papel de uma traidora, né? Mas independente disso, queiramos ou não admitir, ela também era vista como a mãe da raça, a mãe dos mestiços, dos indivíduos híbridos que se tornaram o povo latino.

Então acho importante pensar um pouco nesse papel dos informantes nativos que a Malintzin desempenhou, mas pensando no contexto digital, no contexto de dados. Um informante nativo, se usarmos essa definição dada por Spivak em seu trabalho muito

importante, que é uma crítica do raciocínio pós-colonial, nós temos o informante nativo como sendo uma figura na etnografia que apenas apresenta dados a serem interpretados por pessoas que conhecem para fazer a sua leitura. Os informantes nativos somos todos nós, pessoas que geram dados, dados que são importantes talvez não para nós, mas para as pessoas que podem lê-los, os colonizadores, em outras palavras. Então nós passamos informações sobre nós mesmos, produzimos dados sobre nós mesmos. A colônia, neste caso, é a nossa vida social, e a metrópole é a plataforma, assim como Facebook ou Google. Isso, talvez, de certa forma, seja uma traição, uma traição de nós mesmos, nesse caso. Em que nós trocamos informações valiosas, nossos dados sociais que seriam ouro no passado, né? E nós estamos trocando por qualquer tranqueira, qualquer bugiganga. Ou seja, o nosso papel nesse colonialismo informante não é passivo, somos participantes. E muitas dessas ideias, conforme nós as desenvolvemos, eu gostaria de mencionar o trabalho que fiz com Nick Couldry, que deu resultado a esse livro, O Custo das Conexões, The Costs of Connections e todas essas ideias foram desenvolvidas junto com o Nick Couldry, que é da London School of Economics.

Um dos pontos importantes da nossa argumentação é que nós não estamos usando a palavra colonialismo de forma metafórica. Pode até parecer estranho usar essa palavra para nos referirmos ao que está acontecendo. E talvez as pessoas estejam pensando: Estão usando de forma metafórica, não é? Porém, não é. Estamos sugerindo que o que nós estamos hoje nos deparando é uma nova fase de colonialismo, o colonialismo dos dados. E preparo o terreno para o novo modo de produção capitalista. Da mesma forma, talvez, que as [ininteligível] ou as plantações financiaram e abriram caminho para as fábricas no capitalismo industrial. A riqueza gerada durante o período colonialista formatou esta nova forma de capitalismo industrial. Talvez estejamos vendo o mesmo processo. Ainda não sabemos como será essa nova forma de capitalismo, no entanto, mas sabemos que virá.

Isso está acontecendo ao mesmo tempo que nós temos o legado neocolonial. Não é porque estamos falando de uma nova forma de colonialismo e capitalismo que o legado já existente tenha deixado de nos acompanhar, claro que não. Temos ainda o racismo, o sexismo, o alvo de populações específicas que ainda são muito afetadas. O que nós dizemos é que nós temos por um lado o colonialismo antigo, de terra, de recursos, de mão de obra, ao passo que o novo colonialismo, ele captura as nossas vidas sociais abstraído por todos os dados. São os dados que levam a nossa vida social a ser convertida num meio de onde pode ser extraída a informação para a geração de renda. Isso representa uma transformação global potencial que está presente não só no Sul Global mas também no Norte Global. Assim como o

colonialismo histórico que também transformou o mundo todo e não só as áreas conquistadas do Sul.

Então qual é a definição oficial de colonialismo de dados? Como eu e o Nick Couldry definimos? O colonialismo de dados é uma ordem emergente para apropriação das vidas humanas para que os dados ser continuamente extraídos com um objetivo de lucro. Nós não temos nada contra coleta de dados e o seu uso, mas estamos falando sobre uma forma de uso de dados que é extraído de nossas vidas sociais e usado para criação de lucro. E uma pergunta que normalmente nos deparamos é: se nós dizemos que é uma nova forma de colonialismo, onde está a violência? Colonialismo foi um genocídio brutal que levou à eliminação de 80%, 90% da população nativa da hoje chamada América. Será que devemos esperar mesmo tipo de violência no colonialismo de dados? Claro que não. Assim esperamos que não. Não estamos fazendo uma comparação direta dizendo que o colonialismo histórico e o colonialismo de dados são exatamente a mesma coisa. Há diferenças importantes em termos do modo como a coisa se dá, de sua intensidade, escalas e contextos. Não é a mesma coisa, cada um tem a sua característica histórica. Mas o que nós estamos dizendo é que há uma semelhança importante, crucial, na verdade, que é exatamente a função histórica, que é extrair, tirar o poder das pessoas. O que o colonialismo tradicional e de dados têm é a semelhança dessa forma, que é tirar, é tirar da posse das pessoas alguma coisa. E quando falamos sobre essas coisas no nosso trabalho, nós queremos estabelecer quem são as novas forças de poder do colonialismo de dados. Empresas do Vale do Silício, de dados, para sermos mais específicos, nós chegamos ao setor de quantificação social. É um setor da indústria devotado para desenvolvimento da infraestrutura necessária para o tipo de extração sobre o qual estamos nos referindo. O que isso nos permite fazer é falar não só sobre a mídia, mas sobretudo todos os aspectos de nossas vidas que agora têm uma interface com os dados. Seja a coleta de dados para a saúde, para a agricultura, para educação, como ouvimos, já descrito, a quantificação do setor de educação inclui tudo isso. Então, sim, estamos falando dos grandes players do setor de quantificação social: Google, Apple, Facebook, Amazon.

Então, dois diferentes polos, um na China, outro nos Estados Unidos. E, além disso, um dos grandes players na China, que é Baidu, Alibaba, Tencent e Xiaomi. Todos os grandes players da China. E o que é interessante é que esses atores não são só monopólios, são híbridos, monopsônios. São termos de economia, mas a diferença entre um monopólio e um monopólio híbrido é que o monopólio é uma única célula, uma única forma. Um monopsônio é mostrado por um único comprador, não um vendedor, mas sim um comprador. Hoje em dia



quando todos nós produzimos mídia, essas empresas, elas são as únicas compradoras do conteúdo que nós produzimos.

Além desses grandes players, nós temos ainda uma série de pequenos players. Se nós pensarmos os fabricantes de hardware, de software, as plataformas sobre as quais nós falamos, o Facebook e outras, empresas de data analytics, data análises, empresas de data brokerage. Um setor grande, não são só os big players. Há outros players, também inclusive empresas de menor tamanho, como a Selenia falou, que têm a ver com educação, com saúde e a coleta de dados relacionados a eles.

Agora vou mudar um pouquinho de tópico e falar um pouco mais sobre o aspecto colonial, a colonialidade das relações de dados. No livro nós fizemos uma série de análises trans-históricas usando o passado colonial para tentar entender o que está acontecendo no presente. E nós criamos essa comparação pensando nos videogames de estratégia. Então nós temos esse modelo que tem exploração e expansão, a exploração negativa e exterminar. São os quatro estágios que são utilizados no jogo de videogame, como nós vemos aqui ao fundo, talvez reconheçam, até. Ele é parte do [ininteligível], da série. Isso é colonialismo. Pode ser o francês, inglês, o holandês e acho também os portugueses. E a ideia é usar essas quatro estratégias: explorar, expandir, explorar de forma negativa e exterminar. Os nativos, os recursos são controlados pelo computador. Não há nem o outro jogador desse lado. Não temos tempo para explorar todos eles, então vou focar na verdade esse aqui de explorar, exploração. O que eu gostaria de fazer é comparar a documentos históricos. O primeiro deles é termos de uso do Google Chrome, que é muito semelhante aos mesmos termos de uso de outros. Mas, basicamente, é isso que acontece quando você instala o Google Chrome. Se vocês ainda não leram os termos de serviço, eu vou citar aqui brevemente a seção que diz: "Se você instalar o Google Chrome, você pode ter aí o Google Chrome disponível gratuitamente sob uma licença de software aberta concordando que você vai distribuir o conteúdo de produtos e serviços". Então eu sei que basicamente quando instalamos o Google Chrome é isso, que estamos dando permissão ao Google para realmente produzir, adaptar, modificar, traduzir, publicar e mostrar e distribuir qualquer conteúdo que eu postar ou que eu mostrar através dos serviços deles. Esse é um documento que os conquistadores espanhóis, quando eles chegaram no Novo Mundo, eles estavam prestes a conquistar uma vila, uma região, uma cidade. Muitas vezes chegavam ali no meio da noite ali, à noite, para que não fossem vistos, e eles iam ler aquele documento em espanhol para uma população que não falava o espanhol, não entendiam a língua. E o documento, parte desse documento, não é? Agora, se vocês não encaminharem, eu

certifico a vocês, com ajuda de Deus, que nós, de maneira poderosa, vamos invadir o seu país e vamos ficar contra vocês na guerra e vamos da nossa maneira fazer o que for necessário. E vocês vão ter que obedecer à Igreja e aos seus reis, e nós vamos ter... vamos pegar suas esposas, suas crianças, seus escravos e nós vamos dispor deles da forma como acharmos necessários e vamos danificar todas as suas casas. Então isso é um requerimento espanhol de 1513. O meu ponto aqui com isso não é sugerir exatamente que vai acontecer, o que aconteceu com o Google Chrome é o que acontece aqui, por exemplo, ou que aconteceu ali em 1513. Mas sim para chamar atenção de vocês com relação a essa língua não compreensível, muitas vezes, com relação a esse ato de disposição das informações.

Olha, o sistema que eu descrevi funciona tão bem, porque ele está baseado em novas racionalidades, da extração, que tem suas regras bem profundas de racionalidades antigas do nosso passado colonialista. Vamos começar, então, com a natureza. Para se colonizar o mundo a natureza, realmente, ela foi vista como barata. Ela foi abandonada, ela teve que ser gratuita e do ponto de vista legal realmente sem nenhuma ordem, sem nenhum dono, pelo menos um dono civilizado, naquele conceito da terra sem uso, terra sem dono, o colonizador chegava, via a terra, pronto. Não está ocupada, essa é uma terra sem dono, simplesmente eu pego e agora é minha. Agora, se fosse ocupada, as pessoas que estavam ali morando, de repente, eram os que tinham poder daquela terra. Daí da mesma forma que a terra era barata, a mão de obra, o trabalho também era barato. E esses seres humanos normalmente, determinado pela sua raça, eles tinham que entregar o trabalho para fazer a transformação da terra, da natureza em algo mais. Muitas vezes, havia a exploração, o abuso, através da extração, que era dito ser em prol do progresso social e para muitas vezes até dizia que isso era em prol da salvação daqueles mesmos que estavam sofrendo aquela extração e exploração. Então da natureza barata ao trabalho barato, agora temos os dados baratos. Da mesma forma nós temos isso acontecendo aqui: os dados baratos, eles são abundantes, eles são de graça, qualquer um pode pegar sem qualquer problema, pelo menos na sua forma agregada. Sim, eu e você produzimos dados de maneira individual. Mas para poder explorá-los e tornar algo útil a partir desses dados, para que sejam pelo menos dados processados, é necessário o quê? Tecnologia avançada. E apenas grandes corporações têm acesso a essa tecnologia avançada. Então o meu papel, o seu papel é apenas de gerar esses dados. E nos disseram: Olha, o progresso é esse, o progresso é assim. Você tem que colaborar.

Então como poder começar pelo menos a resistir a tudo isso? E agora chegando na última parte dessa minha apresentação, eu gostaria

de apresentar uma proposta para deixar de pensar a respeito dessa racionalização. É uma proposta que nós desenvolvemos junto com várias pessoas, incluindo Juan Ortiz Freuler, que é do Tierra Común. Basicamente a pergunta aqui é: Como podemos criar um movimento ativista para resistir ao colonialismo de dados? Um movimento de não alinhamento na realidade tem uma [ininteligível]. Na realidade, aquele colonialismo sem alinhamento acabou emergindo na Guerra Fria. E o Sul global, ele diz: nós não queremos ir diretamente para o capitalismo, tampouco queremos seguir a rota do comunismo. Nós queremos encontrar uma terceira via, um terceiro caminho. Nós não queremos o movimento da tecnologia, nós queremos uma outra alternativa. Nós queremos poder dizer 'não'. Mas, por um lado, queremos dizer não para os modelos lucrativos em que tudo é permitido, como isso já foi demonstrado que a única coisa é fazer dinheiro. Mas, por outro lado, queremos rejeitar o modelo, por exemplo, comunista chinês, em que o sistema apenas quer fazer uso de dados para controle, para monitorar e para exercer poder sobre as populações.

Como seria então este movimento? Eu acho que podemos [ininteligível] formas de não alinhamento, por exemplo, em termos de infraestrutura nós podemos imaginar aplicativos e plataformas de não alinhamento, buscas e clouds e endereços não alinhados. Já temos a tecnologia, é só uma questão de lançar um movimento em que todos concordem e apoiem uns aos outros. Podemos falar a respeito de dados não alinhados. Como seria isso? Como seriam dados de saúde não alinhados? Como seriam dados econômicos não alinhados? Nos exemplos que a Fernanda nos deu no início, da Microsoft e a sua parceria com o governo brasileiro, como podemos gerar dados que sejam não alinhados a esse modelo de parceria entre essas grandes corporações e os governos? Dados ambientais não alinhados etc. Será que poderíamos talvez imaginar organizações não alinhadas? Talvez eventualmente chegar a nações não alinhadas, quem sabe. Mas uma vez que chegarmos a esse nível de não alinhamento talvez possamos ter as escolas não alinhadas com os departamentos escolares educacionais não alinhados. Ou de repente quem sabe começar com cidades no Sul Global, no Brasil ou em qualquer local que possam se tornar não alinhadas.

Obviamente, tudo isso vai resultar em formas de conhecimento coletivo não alinhadas também. E daí podemos falar sobre a teoria da decolonização na prática, incorporar o que aprendemos com o tecnofeminismo, desenvolver algoritmos observatórios, que foi que a Selena disse, entender como esses algoritmos funcionam e operam. Em termos de propostas culturais, podemos falar sobre um teatro de

opressão por dados, como, por exemplo, Paulo Freire, o educador brasileiro.

Então, para concluir minha apresentação aqui, vou falar só sobre os princípios de como poderiam ser os princípios de decolonização de dados dos princípios de não alinhamento. E o movimento de tecnologia de não alinhamento é um trabalho em progresso. Então, na verdade, isso é uma contribuição ainda não oficial e como eu a vejo, né? Minha perspectiva até o momento. Então a minha ideia sobre como seriam princípios, eles estão baseados em estratégias, como outros movimentos que estão lutando com relação a colonialismo e a destruição do mesmo. Isso tem a ver com boicote aos movimentos e princípios com os quais nós podemos aplicar nessa tecnologia do não alinhamento, como sanções e desinvestimentos. E talvez a gente possa optar individualmente em sair de plataformas. Em termos de investimentos, nós podemos talvez, como organizações também ter a nossa opção aí natural sobre esse não alinhamento e em termos nacionais podemos municipalizar os dados. Essas estratégias do banco de desenvolvimento econômico precisam ser suplementadas, assim como outras estratégias que estão num escopo ainda maior deste ativismo, estratégias que devem ser suplementadas junto com tecnologia, cultura e solidariedade. Em termos de conhecimento, precisamos realmente confiar em uma das armas mais poderosas que é imaginação, que é uma ferramenta para decolonização. Por isso acho que o conhecimento e a imaginação são partes fundamentais dentro dessa equação. Podemos aplicar essa tecnologia para criar a cultura, para entender quais são as ferramentas do colonialismo de dados que podemos pegar, reapropriar, utilizar e quais são aquelas que devem ser rejeitadas. Como Audre Lorde perguntou: "Será que as ferramentas do mestre podem ser utilizadas, né?". Será que a ferramenta, né? Casa de ferreiro, espeto de pau? Exatamente, aquilo que muitas vezes você precisa abandonar algumas dessas ferramentas. Na essência, isso é criação da cultura.

E, por fim, eu acho que é necessário agir localmente, precisamos estabelecer conexões com outras partes não alinhadas que respeitem as diversidades e as diferenças, mas precisamos estar juntos contra o inimigo ou os inimigos. Eu acho que talvez vocês estejam cansados desse clichê, pensar global e agir local. Na verdade, precisamos de um projeto cultural que possa estar alinhado às causas da nossa comunidade, a nossa causa de liberdade, justiça e também de extrativismo de corporações, de estados e de alinhar com os não alinhados. Obrigado. Eu termino aqui. Muito obrigado.

**SRA. FERNANDA BRUNO:** Obrigada, Ulises, por essa ótima fala. Vou então iniciar nossa sessão de debate. Estou recebendo aqui pela Luiza as questões do público. Então eu quero reiterar para o

público que coloque as questões no chat, que eu vou retomá-las aqui para os palestrantes.

Bom, eu vou fazer algumas questões, né? Algumas delas, eu vou começar com uma questão que toca no tema da educação e que, portanto, traz para a nossa conversa um tema com qual a Selena trabalha mais diretamente. Mas, por favor, Ulises, você também está convidado a reagir a essa questão e também quando colocar uma... A próxima questão que eu tenho também em relação ao colonialismo de dados, ela se dirige a vocês dois. Embora uma ou outra possa estar mais diretamente ligada ao trabalho de um de vocês.

Selena e Ulises, eu quero primeiro retomar a questão da educação que a Selena trouxe. E realmente aqui no Brasil acho que tem muitas similaridades, entre Brasil e África do Sul especialmente, mas, enfim, acho que também se a gente pensar em termos de América Latina, em relação a presença dessas grandes corporações de tecnologia na área de educação. E a minha questão tem a ver com o nível de dependência de um lado que essas plataformas criam no sistema estatal e privado, público e privado de educação. Então isso é algo que eu gostaria de ouvir um pouco você, Selena, que tem um trabalho de campo na África. Se você, para além da questão da própria extração de conhecimento sobre os afetos, estados cognitivos, psicológicos, os processos de aprendizagem dos alunos, que é uma questão importantíssima. Eu vou voltar nela. Além dessa extração de conhecimento, que, por sua vez, acaba alimentando estratégias de ensino e de aprendizagem, você também percebe algo que nós percebemos aqui, que é criação de uma dependência dessas ferramentas oferecidas pelas grandes plataformas por parte do setor público e do setor privado? Não apenas em termos de usabilidade, mas também porque essas plataformas, com o estado que acaba reduzindo muito o investimento na educação, como a gente tem percebido nos últimos anos no Brasil, há uma migração em massa que aumentou muitíssimo na pandemia das universidades, por exemplo, que estavam relativamente fora dessas plataformas e que agora estão massivamente adotando essas plataformas no âmbito do seu cotidiano institucional. Aqui, no Brasil, a gente tem um projeto que se chama Educação Viglada, que é um projeto da Universidade Federal do Pará, que tem mostrado como que a migração, a precarização dos investimentos estatais no ensino tem aumentando enormemente a dependência das universidades e das redes públicas em geral de ensino em relação a essas plataformas. Pergunto se você vê isso também no seu campo de trabalho em outros domínios. E também te pergunto mais detalhes, quer dizer, como que você consegue, em termos metodológicos, pesquisar como essa extração de conhecimento sobre as habilidades afetivas, cognitivas, emocionais dos alunos, dos

estudantes, vêm sendo feitas. Uma vez que essas plataformas, a gente sabe, são bastante fechadas no que diz respeito à observação dos seus processos de extração de dados e de produção de mineração desses dados e de produção de conhecimento a partir disso.

**SRA. SELENA NEMORIN:** Bem, bem interessante a sua pergunta. Mas vamos ver se eu entendi o cerne da sua pergunta. Em primeiro lugar a independência, né? Então você está perguntando sobre dependência sobre as plataformas, né? Quer dizer, tem tanta coisa na mesma... dentro do bojo desta pergunta, né? E o outro sobre as sensações... Esse é o ponto principal das suas perguntas? É isso mesmo? Que bom. Eu vou falar primeiro da parte da dependência. Eu posso falar especificamente sobre a inteligência artificial, porque há um discurso global que IA vai mudar tudo. Quando falamos de educação, a Unesco tem falado, por exemplo, como IA vai transformar a aprendizagem, o ensino e a aprendizagem. E muito dessa moda se baseia na descontextualização. Não há estudos suficientes na área educacional, no setor educacional, que de fato analisam os impactos de vida real que a IA poderia ter sobre a educação. Com relação ao Covid, no entanto, isso abriu muito a educação às grandes plataformas, foi a abertura para que eles entrassem: olha, a gente tem sistema, a gente tem usado o sistema. Vou usar Amazon como referência. A Amazon tem usado esse sistema para vendas, funciona, funciona superbem. Nós vamos tentar e trazer isso para educação. Porque temos infraestrutura, temos habilidades, temos a rede, a rede social, temos tudo que precisamos, temos outros investidores, sabemos tudo, conhecemos pessoas, ecossistema do Facebook, do Twitter, todo mundo [ininteligível] com a gente. Então estão usando a crise do Covid para conseguir entrar na educação.

E o que acontece e vai acontecer e foi muito prevalente na etnografia que eu fiz na Austrália é que conforme as escolas se acostumavam com o sistema se tornavam dependentes dele. E quando o sistema cai, ninguém sabe o que fazer. Por exemplo, a escola que eu era responsável para fazer a minha pesquisa, na primeira semana que eu estava lá, a Internet caiu. E como todos os professores tinham feito tudo on-line, todas as apresentações estavam on-line, eles precisavam dos sistemas para passar informações, para saber quem estava lá, ninguém sabia o que fazer. Os alunos ficaram superfelizes, porque não teve aula naquele dia. Não tinha recursos para ensinar os alunos. Um professor nem se lembrava que era possível ligar a impressora no computador pelo cabo USB. E isso mostra as implicações e as dependências sobre esse sistema. Então, tendo todas as informações on-line, vejam, uma vez eles tiveram... A Internet caiu e tinha um simulado de incêndio, ninguém sabia o que fazer, porque todos os dados estavam on-line. As pessoas não tinham mais feito uma cópia

em papel. Se tivesse sido uma emergência real, ninguém teria sabido o que fazer no incêndio. Ninguém sabia como sair do prédio. Então esse é um exemplo muito prático de dependência excessiva nessas plataformas.

Com relação ao que está acontecendo agora, um pouquinho mais pós-pandemia, em termos da Amazon, e a Amazon querendo entrar nessas instituições de ensino superior, esses aplicativos de saúde mental, que acompanham a saúde mental, a disposição, as habilidades, o que eles estão estudando, quantas horas eles ficam em cada uma das coisas, analisando, sei lá, o globo ocular, tudo. A Amazon tem a capacidade de trazer tudo isso para as escolas. E se nós entrarmos nisso, e as escolas e os professores derem autoridade para que os sistemas digam a eles como dar as aulas ou mostrem como alunos estão aprendendo, isso passa a ser uma dependência muito estranha sobre um sistema que talvez não esteja atuando para o real interesse comum. Eu não sei se eu respondo exatamente que o você gostaria de saber, mas essa é a tendência, quando a tecnologia entra nas instituições, é isso que acontece.

Se isso vai acontecer em Gana ou não? Não sei, ainda não sei. Nós ainda estamos analisando o que está acontecendo no país, as diferentes iniciativas. Eu sei que a Google... O Twitter anunciou também agora uma sede em Gana, a Microsoft também está lá, então, o que eu vou fazer? Eu vou visitar escolas e ver quanto de sistema está sendo usado e como está sendo usado no que diz respeito a metodologias para avaliar a ética. Isso pode ser feito, por exemplo, olhando os dados que são coletados, né? E observar como a coisa está acontecendo. Muitas vezes vai ser semelhante ao Facebook para aparência, porque já há aplicativo, uma plataforma superpopular chamada Schoolag, S-C-H-O-O-L-A-G(F), parece Facebook, mas coleta muitos dados. Para estudar isso, a observação, etnografias, as entrevistas, grupos focais. A gente precisa fazer isso para ter dados. A menos que o Ulises tenha uma outra ideia, não sei. Se tiver outra ideia, Ulises, nos diga.

**SR. ULISES MEJIAS:** Não, não. A Selena é a especialista. E a resposta dela está ótima.

**SRA. FERNANDA BRUNO:** Obrigada, Selena. Eu tenho uma questão agora retomando o tema do colonialismo de dados, né? Mais especificamente a questão entre o antigo e o novo colonialismo de uma perspectiva, enfim, mais brasileira, latino-americana talvez. O processo de extração, exploração de terras e recursos e mão de obra barata e de vida social parecem estar intimamente interligados com o colonialismo de dados e com inteligência artificial de uma forma geral, né? Quer dizer, especialmente no chamado Sul Global essas três camadas de exploração, da terra, dos recursos, do trabalho e dos

dados se sobrepõem atualmente. Quando a gente olha para extração dos dados, ela parece mais globalmente distribuída. Enquanto que mesmo que a gente saiba que tem assimetrias e desigualdades, essas assimetrias e desigualdades não parecem ser tão gritantes quando a gente olha, por exemplo, para a exploração de trabalho, que a gente sabe que é enorme para alimentação do capitalismo de dados e para o colonialismo de dados e para os impactos ambientais, tanto em termos de energia quanto em termos de extração de minerais, que, por sua vez, alimentam colonialismo de dados e esse novo modelo de capitalismo. Então a minha pergunta é sobre o que é novo e o que é velho nesse processo? E como que isso se redistribui, dependendo de onde a gente se posiciona em termos de Sul Global e Norte Global?

**SR. ULISES MEJIAS:** Muito obrigado, Fernanda. O meu português não é muito bom, mas eu estava vendo no chat que tem uma pergunta bem parecida, né? Do Rafael Evangelista. Nessa nova ordem de colonialismo de dados, será que há players que são mais ou menos colonizados? Eu acho que essa essência da sua pergunta, Fernanda? Nós precisamos, portanto, reconhecer que o colonialismo, de alguma forma, foi um projeto não distribuído uniformemente, porque a riqueza não foi distribuída em todo o mundo, então parte do mundo se tornou bem rico, ao passo que a grande maioria ficou subdesenvolvida, pobre. Mas o que é um projeto distribuído, né? As relações do colonialismo se espalharam no mundo todo. O Sul Global, depois do colonialismo, e o Norte Global, em função da migração, as pessoas do Sul passaram a ir para o Norte, né? Para o centro do império, em função de tudo isso e todas as técnicas sobre as quais nós falamos, o Norte invadiu o Sul, e o Sul invadiu o Norte. Então eu acho que essas fronteiras ficaram um pouquinho mais porosas, um pouco mais difíceis de serem claramente demarcadas. Agora, você tem razão, de alguma forma os recursos são diferentes. Falando da terra e mão de obra, os dados são um recurso muito diferente. Eu não acho, não acredito nesse clichê de que os dados são o novo petróleo. Não, não. Óleo, petróleo é uma substância, né? Talvez os processos de extração até possam parecer semelhantes, mas eu acho que não é para comparar dados à terra, à mão de obra ou ao petróleo. E, como eu disse na apresentação, a função desses tipos diferentes de colonialismo é a mesma, a função histórica, que é o quê? Extrair. Talvez hoje nós não tenhamos apropriação de terras, como foi o caso no colonialismo legado. Mas hoje o que nós temos é uma agricultura de precisão, por exemplo, que é uma forma de aplicar dados à terra usando algoritmos por meio de robótica, e há uma emergente, que é parte da quantificação social. Não só produzindo alimentos mas produzindo dados sobre como os alimentos são produzidos. E as repercussões serão bastante claras. Nós já ouvimos a frase, sei que tem em português também, que é "da produção até a mesa", que o alimento



vai do campo à mesa. Mas imagine como vai ser quando a Amazon se tornar responsável por esse processo de ponta a ponta? Quando terão algoritmos, inteligência artificial, datacenters para capturar informações de como os alimentos são produzidos, processados, vendidos nos supermercados, que são da Amazon, né? Nos Estados Unidos eles já têm, e como esses alimentos chegam até a nossa geladeira, que é a geladeira inteligente, smart, com a Alexa, que pode nos dizer e que acompanha como o alimento é consumido. Então do campo à mesa terá todo um outro entendimento, né? E empresas como a Amazon e o Google provavelmente estarão presentes. Na mão de obra, você já mencionou isso, né? A forma como a mão de obra está sendo datificada, está sendo medida por meio de parcerias entre a Microsoft e o governo brasileiro, e como isso está se tornando uma fonte de riqueza. Então a resposta é sim, né?

Eu sei que eu estou falando muito. Mas voltando a sua pergunta: Será que colonização é a mesma? Não. E as mesmas diferenças que faziam diferença há 500 anos ainda fazem diferença hoje, as diferenças raciais, de gênero, de classe. Algumas pessoas no colonialismo de dados estão pagando um preço mais alto e são as mesmas populações que foram discriminadas e oprimidas durante o colonialismo histórico. Então, sim, todos nós estamos sendo colonizados, alguns mais informantes nativos, outros mais afetados, mas a parte da população que paga um preço mais caro. Assim, o colonialismo não tem uma distribuição uniforme.

**SRA. FERNANDA BRUNO:** Selena?

**SRA. SELENA NEMORIN:** É, eu ia fazer, sim, um comentário ao Ulises com relação à pergunta que a Fernanda também me fez sobre metodologia. Eu deveria ter respondido, né? Porque é tão óbvio que o colonialismo de dados é a estrutura perfeita para analisar essas novas coisas. Eu também dei uma olhadinha no chat e é necessário ter uma abordagem interdisciplinar. Não só artes, ciências sociais, humanas mas também os cientistas da computação. Eu vejo que só temos alguns poucos minutinhos e não quero me estender, mas a biopolítica, por exemplo. Então, sabe aquelas ideologias que começam a permear a sociedade por meio das plataformas? Então é interessante observar como essas tecnologias não têm só um efeito material mas também psicossocial. A mente também parece estar sendo colonizada. Não sei se estou exagerando, viu, Ulises? Mas será que a gente pode dizer as mentes hoje também são campo fértil, também estão sendo colonizadas?

**SR. ULISES MEJIAS:** É claro, é claro. Não é um novo conceito. Os teóricos do colonialismo já falam isso há muito tempo. E eu fico pensando no trabalho do [ininteligível], escritor e intelectual indiano que escreveu um livro que se chama: [ininteligível], O Inimigo Íntimo.

O colonialismo sendo algo completamente engramado(F) no nosso cérebro. Então o quanto este processo é e nos impacta. Algo que acontece na nossa mente. Como eu disse na minha apresentação, talvez isso também queira dizer que essa nova forma de colonialismo é algo que também ao qual nós podemos oferecer uma resistência.

**SRA. FERNANDA BRUNO:** Eu vou colocar algumas questões que vieram do público para vocês. O Ulises antecipou a questão do Rafael Evangelista. Mas antes do Rafael, a Helena Martins tinha perguntado sobre imperialismo, trazido a questão do imperialismo para dialogar com o colonialismo. Eu vou... E que é muito parecida com o que Ulises já comentou, mas eu vou colocar questão dela de toda forma, que ela fala o seguinte. De fato, desculpem, de fato, nosso conhecimento está sendo cada vez mais apropriado. Se isso é comum, a forma de extração não é diferente entre os países? A gente já falou disso aqui. Me parece potente pensar imperialismo. As corporações são do Norte Global, o maior fluxo de dados vem do Sul. Vemos isso quando consideramos, por exemplo, os usos de redes sociais. Então essa é uma primeira questão. A segunda questão do Rafael Evangelista era endereçada à Selena. Eu vou ler aqui: "Assim as inteligências artificiais justas, equitativas, não correm o risco, né? Fair-AI, não correm o risco de cair no discurso das grandes corporações como argumento que fazem exploração ética?". Vamos ficar com essas duas questões, por enquanto, depois eu vou colocar... eu vou pedir para vocês responderem com mais... serem mais breves nas respostas pra dar tempo de colocar outras questões do público. Tá bem?

**SR. ULISES MEJIAS:** Eu vou falar sobre o imperialismo rapidamente, porque acho que é um ponto interessante. Talvez seja uma questão de semântica entre colonialismo e imperialismo, para mim basicamente eu acho que a única diferença é a entidade, a escala, o momento. Agora estamos no começo desse fenômeno que estamos chamando de colonialismo de dados e talvez haja tempo para fazer alguma coisa. Se permitirmos que continue assim, aí, sim, veremos uma abordagem mais imperialista assumindo o mundo, que talvez, como disse, Estados Unidos e China hoje ocupam os dois polos centrais, mas espero que não cheguemos ao imperialismo. Selena, acho que a outra pergunta foi para você, né?

**SRA. SELENA NEMORIN:** Será que existe inteligência artificial justa? Fair-AI? Será que existe? Há um documento da União Europeia que vi hoje dizendo que há um alto risco de inteligência artificial na educação, na pesquisa, se ele for trazido para educação, e quando pensamos em justiça, quem se beneficia disso e quem não se beneficia disso? E isso historicamente são populações marginalizadas que não têm acesso às coisas e, além disso, vão acessar coisas que não têm linguagem de inclusão, que, na verdade, cujo objetivo é captar dados

dos outros que vão consumir. Então será que existe Fair-AI? Será que existe a inteligência artificial justa? Eu não acho que isso nem é uma coisa ainda. Eu acho que virá do trabalho de base. E eu fico muito curiosa com o não alinhamento e como isso poderia se encaixar com a justiça da inteligência artificial na sociedade.

**SRA. FERNANDA BRUNO:** Obrigada, Selena e Ulises.

Outra questão colocada pelo Vitor Pinhas Arnaut(F), foi colocada em inglês. Eu vou ler em português, para os que estão nos ouvindo nessa língua. A pergunta é se vocês pensam que tecnologias como Mastodon, por exemplo, seriam uma primeira tentativa de tecnologias de não alinhamento de que falava o Ulises.

**SR. ULISES MEJIAS:** Sim, eu acho que sim. Eu apoio bastante tecnologias de fonte aberta, open-source, as tecnologias de apropriação, mesmo uso de tecnologias contra sua intenção original. Não sou contra o uso do Facebook, mesmo contra o Facebook, mas reconheço que para fins práticos é uma coisa que precisamos fazer. Agora uma coisa que eu diria, Vitor, acho que o open-source e outras soluções como o Mastodon, por exemplo, precisamos pensar um pouquinho de maneira mais ampla. Porque no final das contas o open-source também pode ser usado para mesmo fim um dia aí de extração. Então a maior parte das redes hoje em dia rodam, né? Nessas fontes de... abertas, Google e outros desenvolvem também softwares de open-source. O meu telefone Android é exclusivamente também open-source. Com isso o que eu quero dizer? Precisamos continuar a desenvolver essas soluções, mas precisamos também ser críticos através da maneira como eles são desenvolvidos para essa forma de coleta de dados.

**SRA. FERNANDA BRUNO:** Selena, você quer acrescentar alguma coisa? Reagir a essa questão também?

**SRA. SELENA NEMORIN:** Não, estou bem, obrigada. Deixo para você agora, Fernanda.

**SRA. FERNANDA BRUNO:** A próxima e longa questão é do Marco Antônio Alves, professor da UFMG, que é a Universidade Federal de Minas Gerais, no Brasil, e é uma questão que se endereça ao Ulises. Ele começa falando sobre a leitura do livro do Ulises com o Nick Couldry, que é uma grande contribuição para pensar contemporaneamente as novas formas de capitalismo. Na percepção dele, a noção de colonialismo de dados permite complementar a noção de capitalismo de vigilância proposta pela Shoshana Zuboff, introduzindo uma visão desde o Sul global, uma perspectiva desde o Sul Global. E a pergunta que ele quer fazer é sobre a tese defendida no livro de que o novo colonialismo de dados, diferente do colonialismo histórico, não seria violento. Eu penso que pode ser interessante

relacionar o argumento central do colonialismo de dados, a extração, a ideia de extração, com a leitura do Mbembe, Achille Mbembe, filósofo camaronês Achille Mbembe, sobre a necropolítica e o processo de [ininteligível] negro do mundo. Em suma, em resumo, a minha questão, diz o Marco Antônio, é: seria... o colonialismo de dados pode ser intimamente relacionado a necropolítica, assim como as plantations e a escravidão moderna constituíram o outro lado do liberalismo europeu?

**SR. ULISES MEJIAS:** Sim. Marco Antônio, agradeço pela pergunta. Eu acho que você está correto. Eu quero deixar claro que a razão pela qual eu tento ser bem cuidadoso sobre esse argumento da violência não sugere que não há violência no colonialismo de dado, mas na verdade há violência. E quando usamos esse termo, colonialismo de dados, nós não queremos realmente tirar ou deixar de lado toda aquele canibalismo que vemos hoje em dia com o genocídio, com eliminação de 90% da população descontente. Não queremos fazer essa equação. Porque [ininteligível] ser meio cuidadoso com relação a isso e não ser tão extremista, mas existe essa necropolítica acontecendo. E o colonialismo de dados é violento em dois níveis: no nível simbólico, como já dissemos e como a Selena já mostrou, o colonialismo de dados, ele colonializa a mente, que não deixa de ser uma forma de violência. Já que colonizamos mentes jovens que talvez não consigam pensar em formas alternativas, pensarem uma realidade que seja diferente. Mas também há uma forma de violência física, que não sumiu, que não fugiu. Eu vou dar um breve exemplo falando sobre algoritmos e inteligência artificial. Há um exemplo de um algoritmo nos Estados Unidos utilizado por hospitais e empresas de seguros de saúde que determinam se o paciente teve assistência médica contínua, cuidado extra além daquele dado. E daí o algoritmo, ele é resistente, ele favorece aos caucasianos recomendando cuidado médico adicional e não recomenda o cuidado de saúde adicional para os pretos. Então isso ocorre para milhares de americanos que seriam muito impactados por esse tipo de racismo. Então essa é uma forma de violência física, sim, que ocorre nesse novo colonialismo de dados. Então a violência não sumirá, e as mesmas populações que estão pagando um preço pesado desse colonialismo, que pagavam um preço forte no colonialismo antigo continuam pagando nos dias de hoje.

**SRA. FERNANDA BRUNO:** Selena, quer complementar algo a essa questão?

**SRA. SELENA NEMORIN:** Apenas gostaria de reiterar que a violência, a violência psicossocial, né? Violência aqui, né? Na cabeça, na mente, ela é muito perigosa com relação à forma como nós pensamos, se vai mudar, a violência que vai mudar a forma como nós pensamos, como nos comportamos, porque isso acaba afetando e

violando a minha integridade como pessoa. Há outros tipos de violências, mas essa, sim, essa violência psicossocial é realmente a que eu tenho mais medo.

**SRA. FERNANDA BRUNO:** Bem, nós já estamos chegando perto do final do painel. E eu vou fazer uma última rodada com vocês, devolvendo a palavra a vocês, Ulises e Selena, para encerrar, fazer uma breve fala de encerramento, ressaltando o que vocês desejarem. Mas eu vou deixar uma provocação pra vocês dois no sentido de vocês trazerem também a dimensão que vocês dois tocaram de forma breve na apresentação de vocês, mas que modos de resistência, insurgências, subversão, a gente pode pensar aí no âmbito, seja do colonialismo de dados, seja dessa outra dimensão que a Selena tem trabalhado, desse colonialismo mental, íntimo, subjetivo que nos assola. E aí vocês podem também fazer o encerramento.

**SR. ULISES MEJIAS:** Quer começar, Selena?

**SRA. SELENA NEMORIN:** Acho que você pode começar, Ulises.

**SR. ULISES MEJIAS:** Olha, eu acho que há, sim, formas de resistir. Exatamente como colonialismo que foi um problema tão complexo, o colonialismo de dados também é problemático, porque é um composto, né? Foi criado em cima do colonialismo antigo. Então não há uma solução fácil. Soluções deverão ser soluções diferentes que virão de diferentes canais. Eu acho que excluir plataformas do tipo, sabe, eu não vou mais usar o Facebook, não será suficiente. Talvez seja um bom ponto de partida, mas não o suficiente. Eu acho que colocar pressão sobre os governos é algo crucial para regular essas corporações, mas, ainda assim, não será suficiente. Basicamente é necessário encontrar maneiras de descolonizar o tempo, o espaço, o tempo que gastamos na frente das telas, que talvez não haja nada de errado com isso, per se, especialmente hoje em dia, né? Que não podemos ver as pessoas ao vivo e em cores, mas lembrem-se que por trás das telas há toda uma infraestrutura extraíndo e coletando nossos dados. Por isso precisamos descolonizar o tempo que gastamos juntos a essas tecnologias e descolonizar também o espaço, o espaço que está infiltrado por câmeras de vigilância e também por dispositivos digitais que estão nos nossos quartos, nas nossas casas, cozinhas. Precisamos realmente descolonizar tudo isso. Por isso um movimento cultural é essencial. É necessário usar a nossa imaginação, porque não trata-se apenas de problema tecnológico, político ou tampouco econômico e, sim, em essência trata-se de um problema cultural. Agradeço pela oportunidade de falar a todos hoje.

**SRA. FERNANDA BRUNO:** Selena.

**SRA. SELENA NEMORIN:** Eu só gostaria de adicionar mais umas coisinhas no que o Ulises acabou de dizer, sobre as iniciativas

que estão aí ocorrendo por todo o mundo. É surpreendente para mim participar deste evento e ouvir o que os demais têm a dizer e perceber que há realmente pontos semelhantes aqui entre vocês aí e a mim aqui deste lado do mundo. E é necessário, sabe, conseguir maior alcance entre as comunidades que estão de um lado do mundo, versus o outro, e conseguir um maior engajamento, uma maior compreensão sobre como melhor teorizar todo esse fenômeno e ter o espaço melhor sobre como falar sobre as nossas ideias e sentir que há outros demais sentindo a mesma coisa. Acho que isso realmente é o que importa, porque isso mostra solidariedade a tantos de nós por aí, que estamos querendo conectar e iniciar uma conversa como parte de um grupo maior. É isso que eu tinha a dizer e agradeço demais pelo convite.

**SRA. FERNANDA BRUNO:** Obrigada, Selena e Ulises, mais uma vez por esse ótimo painel. Por esse... foi muito provocador. Eu acho que se tem uma, obviamente não é uma vantagem, mas se tem algo que a gente tira de bom da história do colonialismo hoje é que se por um lado ele é uma longa história de opressão, de extração, de dominação, ele também é uma longa história de resistência, de reinvenção, de capacidade de reinventar a partir do desastre, da ruína. Então quando se traz para o campo da tecnologia, para o campo da Internet, essa imagem, que, como disse o Ulises, não é uma metáfora, né? Está falando de processos bem reais, mas é também uma ferramenta de pensamento, é também uma imagem de pensamento que nos ajuda a encontrar ferramentas de resistência, né? O colonialismo eu acho que... ou as perspectivas decoloniais, elas nos ajudam a avançar nessa direção. Então eu acho que, tanto a Selena quanto o Ulises, agradecendo mais uma vez, e a Escola de Governança da Internet, trazendo esse painel com essas pessoas para discutir aqui, nos ajudam a colocar nossa imaginação, nossa fabulação, nossa inventividade política, tecnológica, sociotécnica para funcionar e tentar construir coletivamente saídas, né? Saídas que, como vocês disseram aqui, não são simples, não têm fórmula mágica, não são únicas, né? É um patchwork de ferramentas e táticas e trabalhos cotidianos, trabalhos no âmbito da política maior, no âmbito da micropolítica, no âmbito subjetivo, enfim. Eu acho que discutir e debater, como a gente está fazendo aqui, é um passo essencial. Não é suficiente, mas é necessário para que a gente consiga avançar e fazer as alianças que possam nos ajudar a atravessar todos esses desafios sobre os quais a gente conversou aqui. Muito obrigada mais uma vez a vocês, muito obrigada ao público pelas questões. E obrigada, de novo, por todo o staff aqui do NIC.br, do CGI, da Escola de Governança da Internet, e, enfim, não sei se a Luiza quer fazer algum fechamento ou se eu mesma encerro o debate, a Mesa.

**SRA. LUIZA MESQUITA:** Oi, Fernanda. Eu só reforço suas palavras e agradeço a presença de vocês aqui hoje numa conversa que fechou com chave de ouro, eu acho, todo esse ciclo de debates, para nos trazer mais conteúdo e um pensamento mais crítico sobre como que a gente está vivendo essa fase, como que a gente quer o mundo que a gente vai viver no futuro. Obrigada e obrigada a todos que nos acompanharam e que interagiram, fazendo que esse debate conseguisse ser mais rico ainda com a participação de vocês.